

O homem ao meu lado no avião era tão alto que não cabia no assento. Os cotovelos projetavam-se para fora dos repouso para os braços e os joelhos faziam tal pressão contra o banco da frente, de modo que a pessoa que o ocupava olhava à volta irritada cada vez que ele se mexia. Ao retorcer-se, a tentar cruzar e descruzar as pernas, deu sem querer um pontapé no passageiro à sua direita.

— Desculpe — disse.

Permaneceu imóvel durante uns minutos, a respirar profundamente pelas narinas e com as mãos apertadas no colo, mas não tardou a ficar inquieto e a tentar mover de novo as pernas, de modo que sacudiu a fila de bancos à sua frente. Por fim, perguntei-lhe se queria trocar de lugar comigo, dado o meu ser junto da coxia, e ele aceitou com entusiasmo, como se lhe tivesse oferecido uma oportunidade de negócio.

— Em geral viajo em executiva — explicou-me, enquanto nos levantávamos e trocávamos de lugar. — Há muito mais espaço para as pernas.

Esticou-as no corredor e, aliviado, apoiou a cabeça nas costas do assento.

— Muito obrigado — disse.

O avião começou a deslocar-se lentamente sobre o asfalto. O meu vizinho suspirou de satisfação e pareceu adormecer quase instantaneamente. Uma assistente de bordo aproximou-se e deteve-se junto das pernas dele.

— O senhor dá-me licença?

Ele acordou sobressaltado e, desajeitadamente, voltou a encaixar-se no espaço exíguo à sua frente para a deixar passar. O avião fez uma pausa de alguns minutos, antes de se lançar em frente e de fazer nova pausa. Pela janela, via-se uma fila de aviões à espera de vez. O homem começou a cabecear e voltou a esticar as pernas na coxa. A assistente de bordo regressou.

— O senhor dá-me licença? — disse. — Temos de deixar o corredor livre para a descolagem.

O indivíduo sentou-se.

— Desculpe.

A hospedeira afastou-se e o meu companheiro recomeçou a cabecear. Lá fora, uma neblina pairava sobre a paisagem cinzenta e plana, que parecia fundir-se com o céu nublado em faixas horizontais de variações tão subtis que quase se assemelhavam ao mar. Nos bancos da frente, uma mulher e um homem conversavam. É tão triste, dizia a mulher, e o homem resmoneou qualquer coisa em resposta. É tristíssimo, insistiu ela. Ouviram-se passos pesados no corredor alcatifado e a assistente de bordo reapareceu. Pôs a mão no ombro do meu vizinho e abanou-o.

— Tenho de lhe pedir que tire as pernas da passagem — disse ela.

— Desculpe — repetiu o homem. — Mas não consigo ficar acordado.

— Vou ter de lhe pedir que fique.

— É que ontem à noite não me deitei.

— Esse problema não é meu — ripostou a hospedeira. — Se o senhor bloqueia a passagem, põe em perigo outros passageiros.

O homem esfregou o rosto e mudou de posição. Pegou no telemóvel, deu-lhe uma vista de olhos e tornou a metê-lo no bolso. A assistente de bordo ficou à espera, a observá-lo. Por fim afastou-se, satisfeita e convencida de que ele lhe tinha obedecido. O meu vizinho abanou a cabeça e fez um gesto de incompreensão, como que dirigindo-se a um público invisível. Tinha quarenta e tal anos, um rosto que era ao mesmo tempo atraente e banal, e a indumentária limpa, bem engomada e neutra de um homem de negócios em fim de semana. Usava um pesado relógio de pulso de prata e sapatos de couro com aspeto de serem novos. Irradiava uma virilidade anónima e ligeiramente provisória, como um soldado de uniforme. Agora o avião tinha avançado na fila em pára-arranca e descrevia um arco amplo em direção à pista. A neblina havia-se transformado em chuva e gotas corriam pelo vidro da janela.

O meu vizinho dirigiu um olhar exausto ao asfalto reluzente. O ruído dos motores aumentava à nossa volta e, por fim, o aparelho acelerou, ergueu-se inclinado e atravessou com estrépito camadas de nuvens espessas e fofas. Durante algum tempo, o reticulado verde e monótono dos campos por baixo de nós, com as suas casas como blocos e os aglomerados de árvores, surgia por momentos por entre rasgões esporádicos no cinzento antes de este se fechar de novo sobre eles. O passageiro ao meu lado deu outro suspiro profundo e daí a uns minutos voltou a cair no sono, com a cabeça a pender para o peito. As luzes da cabina tremeluziram e os sons de atividade fizeram-se ouvir. A assistente de bordo não tardou a voltar à nossa fila, onde o homem adormecido esticava de novo as pernas no corredor.

— O senhor dá-me licença? Quer fazer-me o favor?

Ele levantou a cabeça e olhou à volta, confuso. Quando viu a hospedeira ali de pé com o carrinho, lentamente e com esforço retirou as pernas para a deixar passar, enquanto ela

o observava com os lábios franzidos e as sobrancelhas arqueadas.

— Obrigada — agradeceu a hospedeira, com um sarcasmo mal dissimulado.

— Não tenho culpa — justificou-se o homem.

Os olhos maquilhados da assistente de bordo fixaram-no por momentos com uma expressão fria.

— Só estou a tentar fazer o meu trabalho

— Eu percebo. Mas não tenho culpa de os assentos estarem demasiado próximos.

Seguiu-se uma pausa durante a qual os dois se entreolharam.

— É à companhia que tem de dizer isso.

— Estou a dizer-lhe a si.

A hospedeira cruzou os braços e ergueu o queixo.

— Viajo quase sempre em executiva, por isso, em geral, não tenho problemas.

— Neste voo não temos executiva. Mas há muitas outras companhias que têm.

— Então está a sugerir-me que voe com outra companhia.

— Exatamente.

— Genial. Muito obrigado.

Soltou uma gargalhada azeda que mais parecia um latido, enquanto a funcionária se afastava. Durante algum tempo, continuou a fazer um sorriso constrangido, como alguém que, por engano, tivesse ido parar a um palco durante um espetáculo, e, depois, aparentemente para disfarçar o embaraço, voltou-se para mim e perguntou-me por que motivo viajava para a Europa.

Respondi-lhe que era escritora e que ia falar num festival de literatura.

O seu rosto assumiu imediatamente uma expressão de interesse delicado.

— A minha mulher é uma grande leitora — explicou. — Pertence a um desses clubes de leitura.

Seguiu-se um silêncio.

— Que género de coisas escreve? — perguntou daí a pouco.

Respondi que era difícil de explicar e ele fez um aceno de assentimento. Tamborilou com os dedos nas coxas a marcar um ritmo desconexo com os sapatos no piso alcatifado. Abanou a cabeça e esfregou os dedos vigorosamente no couro cabeludo.

— Se não falar, volto a adormecer — disse finalmente.

Falou num tom pragmático, como se estivesse acostumado a resolver problemas à custa de sentimentos pessoais, mas, quando me virei a fim de olhar para ele, fiquei surpreendida com a sua expressão de súplica. Tinha os olhos orlados de vermelho, com o branco amarelado, e o cabelo muito curto, em pé onde o havia esfregado.

— Ao que parece, baixam os níveis de oxigénio na cabina antes da descolagem para os passageiros ficarem sonolentos — explicou. — Por isso não deviam queixar-se quando isso funciona. Tenho um amigo que pilota estes aparelhos — acrescentou. — Foi ele que me disse isto.

O que era estranho nesse amigo, continuou o homem, é que, apesar da sua profissão, era um ambientalista fanático. Tinha um carro elétrico minúsculo e uma casa totalmente alimentada por energia solar e eólica.

— Quando vai jantar a nossa casa — prosseguiu —, enquanto toda a gente se enfrasca, ele vai aos contentores da reciclagem e faz a separação das embalagens de comida e das garrafas vazias. A sua ideia de férias é subir uma montanha no País de Gales, carregado com todo o equipamento, e passar duas semanas sentado numa tenda à chuva a conversar com os carneiros.